

Das Manifestações Amorosas às Manifestações Agressivas no Relacionamento Conjugal¹

Helena Centeno Hintz²

Resumo

A autora relata que, em sua experiência clínica, tem deparado com casais especialistas em atormentar-se mutuamente. Há um jogo de palavras, alusões, subentendidos que, se examinados em um contexto imparcial e em situações únicas, não instigam tormentas, mas ao ocorrer com determinadas díades, mostra graus de sofrimento e dor muito fortes. São casais que convivem em um jogo conjugal de agressões mútuas. Não há espaço para a compreensão e carinho, evidenciando-se uma percepção distorcida da realidade e uma comunicação onde um não escuta o outro.

Vivemos em uma sociedade na qual o perigo e as reações agressivas estão exacerbados, onde o ser humano sofre fortes pressões do seu meio ambiente. Por isso torna-se necessário um olhar cuidadoso sobre as manifestações agressivas no relacionamento conjugal. Identificá-las para escolher intervenções terapêuticas adequadas poderá aliviar a dor psíquica desses casais, possibilitando-lhes estabelecer ou refazer vínculos importantes e de qualidade.

Palavras-chave: *relacionamento conjugal; agressividade; dor psíquica.*

¹ Trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro de Terapia Familiar, de 21 a 24 de julho de 2004, em Florianópolis.

² Psicóloga, Psicoterapeuta individual, de casal e família. Especialista em Psicologia Clínica – CFP, especialista em Infância e Adolescência – CEAPIA, especialista em Violência Familiar – USP.

Coordenadora, professora, supervisora do DOMUS – Centro de Terapia de Casal e Família.

Fundadora e Editora da Revista Pensando Famílias.

Presidente da AGATEF - 2002/2004.

Consultora Nacional da Revista da Sociedade de Psicologia do RGS.

Membro do Comité Asesor Internacional da Revista Sistemas Familiares y otros sistemas humanos – ASIBA.

From Loving Manifestations to Aggressive Manifestations in the Conjugal Relationship

Abstract

The author relates that, in her clinic work, she has met couples specialists in worrying reciprocally. There are a playing words, alusions, implicitations thwt, if they were analysed in impartial contexts or unique situations they wouldn't instigate torments, but when they occur to determined diades, they indicate an intense suffering and pain degree. These are couples who usually live in a conjugal play of mutual aggressions. There aren't room for compfhreension and caress, becoming evident a distorted percepcion of reality and a comunication where one don't listen to the other.

We live in a society where danger and aggressive reactions are constantly exacerbated and the humam creatures suffer from strong stresses from enviroment. It is necessary a careful look on agressive manifestations within the conjugal relation. Identifying the manifestations to choose adequated therapy interventions in order to mitigate the couple psychic pain, it likely will enable them to stablish or reestablish important an qualified bonds.

Keywords: *conjugal relationship; agressivity; psychic pain.*

... Eu aprendi... Que o AMOR, e não o TEMPO, é que cura todas as feridas.

Eu aprendi... Que a maneira mais fácil para eu crescer como pessoa é me cercar de gente mais inteligente do que eu.

Eu aprendi... Que cada pessoa que a gente conhece deve ser saudada com um sorriso.

Eu aprendi... Que ninguém é perfeito até que você se apaixone

por essa pessoa.

Eu aprendi... Que a vida é dura, mas eu sou mais ainda. ...

Shakespeare, "I have leamed"

Relação conjugal: do amor à agressão

Encontramos nos casais, um interjogo dos mais variados sentimentos, os quais, muitas vezes, se opõem como o amor e o ódio. Mesmo os casais saudáveis convivem com eles, porém, é a continuidade da relação que possibilitará o manejo adequado ou não desses sentimentos. Abordaremos aqui a interação particular que ocorre com determinados casais que, com o passar dos anos, entram em um processo de destruição mútua, de forma bastante agressiva. Alguns não se separam, apesar de afirmarem de que gostariam de fazê-lo. Esses casais, quando questionados, respondem que esses sentimentos só afloram entre os dois, não ocorrendo em outras de suas relações. São pessoas agradáveis e amigas, convivendo de forma adequada tanto profissional como socialmente. É na relação conjugal, esta aliança particular, onde se propicia um espaço para o surgimento de situações tão disfuncionais, na qual o indivíduo vai buscar no outro o que falta para constituir um eu inteiro.

Um indivíduo pode destruir o outro, na relação conjugal, na família, ou em outro tipo de relacionamento, através de um processo contínuo de atitudes atormentadoras e agressivas. Segundo Hirigoyen (2002), trata-se de um comportamento perverso que só se torna destrutivo se for usado com frequência e repetidamente durante um certo tempo. Todo indivíduo apresenta, em determinados momentos, como os de raiva, certos comportamentos perversos, porém pode, igualmente, mudar seu comportamento e ser capaz de questionar-se. Isso acontece de forma diferente no indivíduo perverso, o qual é sempre perverso, não questionando seu comportamento.

A agressividade e a destruição vão se estabelecendo sem serem realmente percebidas, pois o ser humano é capaz de suportar grandes dores e sofrimentos, tornando-se tolerante

e até submisso frente a eles. O indivíduo agressivo fica ainda mais agressivo ao receber a compreensão do outro, interpretando essa resposta como provocação. Desta forma, não é raro que o que sofre os ataques, sinta-se culpado por desencadear o processo agressivo.

Até o casal chegar num estágio de destruição mútua, ambos os cônjuges já passaram por etapas do ciclo evolutivo as quais nem sempre foram vividas com a mesma intensidade e ao mesmo tempo. Geralmente, um dos dois cônjuges é o disparador do comportamento agressivo, mantendo condutas provocativas. Há indivíduos que necessitam humilhar os outros, rebaixando-os, acreditando, assim, adquirir uma auto-estima mais elevada. Sentem-se poderosos e admirados, sem demonstrar o menor respeito ou compaixão pelos outros, nem se comprometendo em seu relacionamento (Hirigoyen, 2002).

O outro, inicialmente, tenta compreender a atitude de seu parceiro imaginando o que fez de errado, sentindo-se muito injustiçado, procurando manter comportamentos, os quais acredita que não desencadeiem reações agressivas e usando de subterfúgios para que seu cônjuge não se irrite. Contudo, nada disto tem o efeito esperado, ao contrário, parece que mais incentiva o agressor a manter os comportamentos agressivos. Aquele perde muito de sua auto-estima, enquanto o parceiro, que abusa de seu poder, assume condutas narcisistas contribuindo, assim, para que o outro se sinta inferior e infeliz. “A perversão fascina, seduz e dá medo. Os indivíduos perversos costumam ser invejados, porque os imaginamos dotados de uma força superior que lhes permite saírem sempre vencedores” (Hirigoyen, 2002, p. 12). Esta autora refere que esses indivíduos são muito temidos, sabendo-se instintivamente que é melhor estar a favor do que contra eles. Com o passar do tempo, aquele que procurou outras alternativas, rende-se e assume o mesmo tipo de respostas, tornando-se também agressivo, assumindo uma atitude defensiva. Sua justificativa é que não agüenta mais ouvir desaforos e ofensas e, que respondendo da mesma forma, poderá impedir ou diminuir as provocações recebidas.

Exemplo disto é o que ocorre com Luiz e Marisa que mantêm uma relação conjugal tumultuada por brigas e queixas mútuas.

Luiz e Marisa estão casados a quatro anos. Luiz está com 32 anos e Marisa com 30. Têm um filho, Jorge, de três anos. Marisa tem uma menina de sete anos, de um relacionamento anterior, que vive com eles. Luiz está casado pela primeira vez.

A queixa é que estão quase sempre se desentendendo. Luiz diz que Marisa é muito teimosa, que ele diz algo e ela logo o contraria. Ele refere ser rígido com a educação das crianças, deseja que elas façam tudo corretamente.

Luiz veio de uma família de educação rígida, seu pai era militar e comenta que o pai nem precisava falar com ele, pois já sabia o que devia fazer. “À mesa do almoço, ele não falava, pois criança espera os adultos falarem primeiro.” Acha que deve ensinar as crianças, desde cedo, a terem limites. Quer ser respeitado e não gosta quando Marisa o contraria. “Ela parece um homem, quando responde para mim.” Ele enfatiza que tudo o que diz ou o que faz, é para o bem de todos, acreditando estar correto em sua postura.

Marisa diz que se irrita muito com Luiz, pois ele quer que ela o obedeça como se fosse uma criança. Ela responde para ele, pois não é dócil e não irá fazer simplesmente o que ele quer. “Ele sempre quer que sua vontade prevaleça.” Acha que os filhos precisam de carinho e diz que sabe dar limites, mas não obriga os filhos a fazerem as coisas. Em sua casa foi criada desta forma. Sua mãe sempre foi muito compreensiva com ela. Seu pai era mais rígido, muito parecido com Luiz. Ela refere que não tinha um bom relacionamento com seu pai, pois odiava quando este queria impor-lhe alguma coisa.

Em virtude dessas diferenças o casal discute muito. No início do casamento, ela não o contrariava tanto, pois pensava que ele poderia ter razão, mas aos poucos percebeu que ele era muito teimoso e rígido, tanto com ela como com as crianças. Após algum tempo, Marisa começou a discutir com Luiz, uma vez que ele a incomodava muito com suas constantes reclamações. Luiz já lhe deu *empurrões*, ao ficar irritado com suas atitudes e respostas, depois se sente mal. Esses episódios têm se repetido cada vez mais seguido e intensamente, porém não desejam se separar.

A origem dos sentimentos vivenciados na relação conjugal

Os casais, em seu relacionamento sexual e emocional, desenvolvem um grau de intimidade peculiar, vivenciando, ambos, um sentimento de ambivalência frente às reações do outro. Esta ambivalência é originária de suas experiências no relacionamento com as suas figuras paternas.

O desenvolvimento da relação amorosa está diretamente ligado à escolha do parceiro, a qual não é realizada ao acaso. Está relacionada aos vínculos precoces vivenciados por ambos que, por necessidades individuais internas, alicerçam a escolha do outro em aspectos que representam aqueles vínculos. Inclusive, muitas das dificuldades sexuais entre os cônjuges podem ter origem nas primeiras relações triangulares não elaboradas de cada parceiro com seus próprios pais.

O casal não pode ter certeza se seu relacionamento será estável, pois não pode se assegurar da inexistência de conflitos significativos não resolvidos em seus parceiros, os quais poderão abalar o equilíbrio entre o amor e a agressão. Assim, um homem que não tem uma relação adequada com sua mãe, poderá manter uma relação de desqualificação com sua própria mulher, apesar de sua escolha ter sido por amor. O que ele viveu na relação com sua mãe, poderá reviver na convivência com sua mulher. No caso da menina, se a relação com sua mãe não foi tranqüila e percebe a mãe hostil e rejeitadora para com as manifestações sensuais pertinentes à sua idade, poderá desenvolver profundos sentimentos de culpa ao relacionar-se sexualmente com um homem. Isto pode ser a origem de um relacionamento sadomasoquista. A convivência com um pai que rejeita, que é inacessível ou sedutor poderá provocar na mulher conflitos em sua vida amorosa, mesmo que seu marido a ame e demonstre carinho por ela.

Formação do laço conjugal

Segundo diversos estudos realizados, há vários fatores que influenciam a escolha do companheiro conjugal.

- Fator cultural - O indivíduo deve procurar o outro fora do contexto endogâmico, da família de origem. Aqui o indivíduo procura adequar-se à demanda da cultura, às

suas regras e crenças. Está imbuído pela herança cultural.

- Fator relacional - Dentro de uma instância consciente, há expectativas mútuas entre os cônjuges, é o que esperam um do outro e estas expectativas são manifestadas de forma clara.
- Fator intrapessoal – A busca pelo outro é motivada por fatores inconscientes, originadas por relações funcionais e disfuncionais da vida precoce de cada cônjuge, gerando os papéis complementares no casal, os quais estão relacionados a esses primeiros vínculos.

O indivíduo sente atração pelo outro e enamora-se. A continuidade desta relação dependerá muito, mas não exclusivamente, daquilo que cada um sente que está sendo preenchido em si pelo outro, como este corresponde às suas demandas internas. Isto é representado por comentários, como: “Ele(a) foi feito(a) para mim. Ele(a) me compreende em tudo o que eu sinto”.

Na constituição desta relação de aliança, há uma demanda originada pelo fator cultural com um conteúdo simbólico significativo que é o de separar-se dos laços com a família de origem, buscando sua individuação como adulto capaz. Emigra da função de filho na família de origem para a função de cônjuge, onde exercerá sua sexualidade, incluindo a tarefa de procriação.

É na formação do vínculo conjugal com a inclusão da sexualidade, que, em alguns indivíduos, pode haver uma fratura no conteúdo simbólico referido. Configura-se então o que Gomel (1995) chama de *loucura vincular*, como construção de uma nova realidade conjunta. No momento da constituição do par, o que deveria ter sido elaborado na relação pai-mãe-filho(a), pode reeditar-se na relação com o cônjuge e vir a configurar-se uma *loucura vincular*. A relação com o outro deixa de ser percebida dentro da demanda cultural. Assim, o casal não consegue assumir emocionalmente o papel de pai e mãe, ficando presos às suas relações enquanto filhos de seus próprios pais, exigindo um do outro o aplacamento de suas próprias necessidades, de suas carências vividas no relacionamento com seus pais.

Kernberg (1995) refere que o casal necessita proteger seu equilíbrio através de

fronteiras que o separam de seu ambiente social. Esta proteção será negativa se há um isolamento social extremo, permitindo que desenvolvimentos perversos nas áreas sexual, emocional e/ou do superego piorem um relacionamento destrutivo. Os cônjuges, ao não possuírem interação com o meio ambiente, podem perder a capacidade de distinguir o que é normal ou não nesse relacionamento. Por outro lado, será positiva se as fronteiras protegerem tanto a intimidade do casal de uma invasão triangular externa como também suas *loucuras privadas*, representativas de suas disfuncionalidades no relacionamento conjugal.

A escolha mútua na formação do casal acontece pelas semelhanças apreendidas na família de origem e pelas diferenças, as quais são necessárias para que a escolha não permaneça endogâmica. Processa-se assim a fusão e a separação: a fusão enquanto o outro sendo como eu e, ao mesmo tempo, a separação quando buscamos o diferente. Se a separação excede a fusão, o vínculo não se concretiza, mas se a fusão não dá espaço à separação, o individual se dilui. O estado fusional não permite ao outro ser diferente do que eu desejo que ele seja (Czernikowski e Gomel, 1997). As relações estruturadas sob esse estado tendem a passar do enamoramento absoluto à insatisfação destruidora, quando um dos cônjuges quebra o contrato de ser para o outro o todo esperado. Vemos isto na história de Júlio e Rosane.

Júlio e Rosane estão casados a 13 anos e têm dois filhos, Ricardo e Rafael, de 11 e 10 anos. Relatam que durante o namoro estavam completamente apaixonados um pelo outro, sentiam que um era tudo para o outro, chegando a isolarem-se dos amigos e ficarem mais afastados de suas famílias de origem, não querendo que nada interferisse em seu relacionamento. Após dois anos de namoro, casaram e permaneceram muito apaixonados ainda por algum tempo. Porém, passados, aproximadamente, dois anos, surgiram brigas entre eles, inclusive na presença de parentes e amigos. Júlio repetia para Rosane que ela não era mais a mulher com quem havia casado, dizendo-lhe como ela deveria ser ou fazer suas tarefas. Rosane chorava muito e dizia que iria esforçar-se para ser a mulher que ele

desejava.

Rosane refere que esta situação durou algum tempo, sempre se perguntando o que havia feito de errado e tentando modificar-se para agradar Júlio. Aos poucos, foi tornando-se amarga. Começou a responder de forma mais agressiva, dizendo que não iria fazer mais como ele queria e seria como ela realmente é.

A partir daí as brigas tornaram-se diferentes, Rosane não chorava mais, pelo contrário, gritava muito com ele, ofendia-o quando se sentia ofendida. Júlio em contrapartida, diz que ao vê-la perder o controle, procurava ser mais forte, para que pudesse fazê-la parar, pois chegava a ter medo da reação dela, dizendo que ela parecia ter um *poder demoníaco*.

Rosane iniciou terapia individual e refere que foi bom para ela, pois ficou emocionalmente mais forte, porém seu relacionamento conjugal ficou muito desgastado. O relacionamento ficou muito difícil, o que levou Júlio e Rosane a decidirem conversar sem brigar. Concluíram que não desejavam se separar, por acreditarem que ainda se amavam e tinham os filhos para criar. Resolveram então procurar ajuda para ambos, mas com muito medo de que isso os levasse à separação.

Durante o tratamento, ficou claro quais eram as crenças e as demandas de suas famílias de origem e o quanto estas interferiam no relacionamento, apesar do desejo deles de não permitirem que algo intervisse em seu casamento. Durante o processo terapêutico, ambos compreenderam o quanto estavam repetindo atitudes e comportamentos vividos em suas famílias de origem, entendendo que estes não eram benéficos para sua vida conjugal.

Os casais nos quais a relação de aliança não é o que estrutura o casal, a relação se enfraquece e, conseqüentemente, há uma valorização da lei da família de origem. Esta leva os cônjuges a desenvolverem uma vinculação voltada para a demanda das respectivas famílias de origem. Essa vinculação torna-se disfuncional, pois o que serve para a família de origem, não será adequado para fundar o vínculo conjugal atual. O cônjuge percebe, no outro, atitudes ou sentimentos que se assemelham aos vivenciados na sua família, acionando mecanismos indesejáveis e desencadeando raiva, irritação e agressão. Conflitos

conjugais e relações com família de origem que são inconscientemente ativadas expressam-se nos desentendimentos sexuais experienciados pelo casal, evidenciando a diferença destas relações presas ao passado e a idealização que havia no início da vida do casal (Kernberg, 1995).

Predominância da agressão nas relações do casal

Vários estudos realizados sobre a predominância da agressividade conjugal apontam a existência de um desejo inconsciente de tentar reparar vínculos disfuncionais vividos em sua história passada, repetindo-os de forma agressiva e, inclusive, vingativa com o parceiro escolhido. A demanda familiar provoca este tipo de situações, quando um parceiro, através da identificação projetiva, deposita no outro características das figuras materna e/ou paterna com as quais vivenciou situações conflitivas não elaboradas. Os casais relatam que, freqüentemente, são comportamentos que parecem surgir do nada e que desencadeiam um processo agressivo intenso entre os cônjuges. Estes, inclusive, dizem não saber o que originou a discussão. Como estas não resolvem as necessidades internas de cada um, as agressões vão evoluindo e o relacionamento passa a ser de constantes e intermináveis situações agressivas. Após anos de vida em comum, a intimidade do casal pode ser reforçada ou destruída, ao reeditarem, sistematicamente, certos comportamentos que têm suas raízes nos vínculos passados.

Relações transgeracionais

Diversos autores têm estudado a questão das triangulações nas relações interpessoais, incluindo a possibilidade de manifestações agressivas no relacionamento conjugal.

Andolfi e Angelo (1989) dedicam-se especialmente ao estudo dos triângulos transgeracionais. Estes autores ampliam o foco das famílias nucleares para as relações transgeracionais. Obtém-se assim, um estudo mais completo daquilo que acontece nas diversas relações ao incluirmos, pelo menos, mais uma geração. Dessa forma, poderão aparecer outras possíveis triangulações além do triângulo central: pai-mãe-filho. Se

observarmos outras relações triangulares de uma família, percebemos a existência de uma herança transgeracional que orienta a transmissão dos mitos, crenças, sentimentos e conflitos da geração anterior para a atual. Se não houver, nesta transmissão, um espaço para o diferente, seus membros ficarão aprisionados em determinados vínculos, o que poderá ser prejudicial à formação de uma nova estrutura familiar. Os membros do casal ficarão, cada um conforme suas necessidades anteriores, comprometidos a dar continuidade àqueles vínculos que são conhecidos e aceitos.

Os autores ressaltam a posição do filho no triângulo pai-mãe-filho como o elemento que pode ser o desviante dos conflitos conjugais, tornando-se importante para a manutenção do sistema paterno. Talvez assuma o papel de indesejável, se o casal tentar resolver suas questões sem sua interferência. Ele poderá sentir-se isolado, rejeitado, não amado. Mais tarde, estes sentimentos poderão refletir-se sobre os seus novos relacionamentos.

Dentro dessa visão transgeracional, os vínculos primários poderão interferir disfuncionalmente nos novos vínculos constituídos.

Dentro da perspectiva transgeracional, Bowen (1991) refere que o triângulo formado por si mesmo e seus pais é o principal e mais importante na vida de uma pessoa. Absorvendo os modelos relacionais triangulares, estes servirão de modelo para todas as outras relações futuras. O autor fala sobre o conceito de diferenciação como o grau de separação emocional que uma pessoa pode alcançar no relacionamento com seus pais. Ele afirma que o grau de diferenciação alcançado determina o estilo de vida de uma pessoa e, chegando neste ponto, é muito difícil haver uma mudança. O grau de diferenciação com a família de origem reedita-se no casamento e após este, o si mesmo permanece ligado emocionalmente aos pais na geração passada, ao cônjuge no presente e aos filhos no futuro, trazendo possíveis reedições de comportamentos agressivos.

Evidencia-se assim, a possibilidade de uma transmissão de aspectos agressivos de uma geração a outra, podendo ocorrer acentuação e/ou banalização deste comportamento.

Buscando ajuda terapêutica

Casais, que mantêm um relacionamento conjugal como o descrito, não costumam procurar ajuda terapêutica, pois em sua maioria estão sintônicos com seu funcionamento. No entanto, quando procuram terapia, os motivos alegados são devidos a fatos reais externos, transparecendo a vontade de que sua estabilidade vincular não seja desfeita.

Alguns fatos que podem levar estes casais a pedir ajuda:

- A procura é motivada por problemas econômicos graves os quais, gerando dificuldade no relacionamento, desestabilizam a homeostase familiar fazendo aparecer a disfunção do casal.
- Os pontos nodais no desenrolar do ciclo vital, especialmente a morte, também levam estes casais a procurar ajuda. Há, também, outras situações de transição evolutiva que podem provocar a desestabilização conjugal, tais como doenças de familiares, adolescência dos filhos, entrada de novos membros na família e a saída de casa de filhos adultos.
- Muitos procuram ajuda para os seus filhos. Estes, através de problemas de condutas, denunciam o mal estar que os pais não revelam.
- Há casais que são trazidos pelos filhos adultos, quando estes ao se sentirem estressados, denunciam abertamente a inconformidade frente ao vínculo doentio dos pais.

Portanto, parece que algo originário do mundo externo é que provoca interrupção na homeostase conjugal. A dificuldade em procurar ajuda deve-se ao medo de ver o que existe por trás deste relacionamento hostil que, possivelmente, poderá ser um vazio afetivo, medo da solidão ou do abandono. Estes casais somente pedem ajuda pelo temor de perder a segurança que sentem na relação conjugal, pelo medo de que algo externo os ameace.

Atender casais com tal manifestação de agressividade, leva-nos a repensar nosso conhecimento e nossa forma de trabalhar. Não é recomendável priorizar o conflito interno ou inverter esta prioridade em relação ao contexto real, por ser este o espaço, onde se viabilizam as relações e experiências pessoais. É necessário que o terapeuta mantenha uma postura flexível, o que não prescinde de, também, ter firmeza. Reconhecer que há

agressividade no relacionamento do casal que procura ajuda é tão importante quanto considerar quais são as repercussões internas no próprio terapeuta, para que não fique paralisado no processo. Assim, é relevante escutar o outro em sua dor e conflitos, mas deve também escutar a si mesmo, para evitar ser absorvido pela dor alheia, e poder exercer sua função com competência.

Referências

- Andolfi, M., Angelo, C. (1989). *Tempo e mito em psicoterapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowen, Murray (1991). *De la familia al individuo. La diferenciación del sí mismo en el sistema familiar*. Barcelona: Paidós.
- Czernikowski, E., Gomel, S. (1997). Locura vincular. In: Janine Puget (Org.) *Psicoanálisis de pareja – Del amor y sus bordes*. (pp.179-216). Buenos Aires: Paidós.
- Hirigoyen, Marie-France (2002). *Assédio moral: a violência perversa no cotidiano*, (5ª ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Kernberg, O. (1995). *Psicopatologia das relações familiares*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Endereço para correspondência

hchintz@terra.com.br